A MOBILIZAÇÃO DO TRABALHO DOS IMIGRANTES ARMÊNIOS NA METRÓPOLE PAULISTANA

Área temática para la exposición: Población, género e identidad

Autor: Artur Attarian Cardoso Camarero

Pertenencia institucional: Universidade de São Paulo, Brasil

Correo eletrónico: artur.attarian@gmail.com

INTRODUÇÃO

O texto aqui elaborado e apresentado se propõe a dar sequência a uma pesquisa[1] que já vem sendo realizada nos últimos dois anos sobre a imigração armênia contexto histórico do Genocídio Armênio, ocorrido em meio aos conflitos da Primeira Guerra Mundial, e sua particularidade da *mobilização do trabalho* (Gaudemar,1977) em São Paulo. A questão deste projeto é oriunda desse estudo e de outras reflexões, e se relaciona à dimensão das relações sociais de produção (Marx, 1985: Livro III, cap. XLVIII) no processo de territorialização do capital (Boechat, Heidemann e Toledo 2014) dos imigrantes armênios que se estabelecem tanto no município de São Paulo quanto no Distrito de Presidente Altino, que futuramente integraria o município de Osasco. Tencionamos investigar esse estabelecimento como uma relação entre essas localidades, na qual o Conselho dos Quarenta tem grande influência.

Partindo do contexto histórico do processo de imigração, buscamos investigar a mobilização dos armênios na metrópole paulistana com intuito de articular diferentes escalas desse processo. Na relação entre as escalas internacional, nacional e metropolitana buscaremos compreender os vínculos entre da mobilização armênia frente os conflitos no interior do Império Otomano, no período que se estende desde final do século XIX até mobilização geral dos armênios durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com as

[1] Como produto desse processo de pesquisa anterior resulta uma iniciação científica e um Trabalho de Graduação Individual, defendido no segundo semestre de 2013.

particularidades da mobilização do trabalho da imigração armênia na metrópole paulistana durante o período da Primeira República (1889-1930).

A formação de uma *armenidade* (Porto, 2011) enquanto construção identitária relativa a uma estratégia de reprodução (Grün, 1992) será problematizada em sua relação com a territorialização do capital nesta metrópole no contexto do Estado nacional brasileiro. Neste sentido, o processo de reprodução da particularidade expressa nesta identidade armênia se desdobra numa relação contraditória com a mobilização do trabalho que territorializa o capital – entendido como totalidade - na forma também particular desta metropolização do Estado nacional. Os desdobramentos da mobilização armênia na territorialização do capital nos direcionam para indagações acerta da autonomização dos fatores de produção do capital: terra, trabalho e capital. Essa autonomização implica na personificação desses imigrantes nas figuras de proprietários de sua força de trabalho, donos de terra e detentores dos meios de produção e capital. Por tanto, em nossa investigação será central a reflexão sobre a forma social forjando as construções e afirmações que tomam aparência de identidade cultural dos imigrantes armênios e, com isso, apagam o sentido das relações sociais de produção na qual estão inseridas.

MOBILIDADE DO TRABALHO E DIÁSPORA ARMÊNIA: PROBLEMATIZANDO A NOÇÃO DE DIÁSPORA ARMÊNIA COMO NOÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA

A noção de diáspora armênia que é usualmente difundida (Sapsezian, 1988; Freitas, 2001) baseia-se nas estratégias de reprodução que as comunidades armênias usam e usaram para se estabelecer e se afirmar, através da *armenidade*, como grupo distinto nos países de destino dos refugiados do genocídio. É, portanto, uma noção que enfatiza os elementos culturais característicos, notadamente língua e religião, assim como as instituições que se encarregam de manter a organização das comunidades diaspóricas, como igrejas, partidos políticos, sociedades beneméritas e clubes. Em relação ao papel que essas instituições cumprem na construção e manutenção dessa identidade Pedro Bogossian Porto destaca o papel da Igreja Apostólica Armênia:

> (...) grande parte da relevância que a Igreja Apóstólica Armênia assume perante a comunidade, por exemplo, está ancorada na função milenarmente exercida pela instituição na manutenção da coesão da coletividade, pois

> mesmo a ideia de "nação armênia" não se justifica sem que se refira às suas origens e aos seus símbolos históricos, dentre os quais a Igreja é peça central. Nesse sentido, a população armênia deve ser entendida como uma comunidade imaginada, resultado de uma abstração que, baseada em elementos concretos, produz uma identificação entre indivíduos que, de outro modo, jamais se perceberiam como parte de uma mesma coletividade. (PORTO, 2011: 7)

As marcas desse processo aparecem nos discursos da comunidade armênia. De acordo com Sapsezian, são dois os fatores que explicam a "proverbial índole peregrina dos armênios":

> O primeiro, mais determinante, são as adversidades sofridas em sua terra natal, encruzilhada das ambições de outros povos; o outro fator é o espírito empreendedor, o gosto pela aventura e pela descoberta próprio de inveterados andarilhos (SAPSEZIAN, 1988: 159-160)

Essa afirmação naturaliza "o gosto pela aventura" como característica própria aos armênios, ainda que mais adiante no seu texto haja uma diferenciação qualitativa da diáspora recente, referente aos massacres hamidianos[2] e ao genocídio na Primeira Guerra. Essa distinção é bastante importante e atribui a esses eventos violentos o que ele entende por conteúdo psicológico dessa diáspora:

> Esta não é uma diáspora de emigrantes econômicos, no sentido de grupos que abandonaram seu país movidos pelo desejo de encontrar espaço de liberdade e de trabalho, mas de refugiados, sobreviventes de um naufrágio, milagrosos escapados da hecatombe... (SAPSEZIAN, 1988: 160)

Essa caracterização da grande diáspora armênia[3] tem grande importância para se pensar a particularidade da migração armênia. A qualidade de refugiados de um extermínio massificado, *pogrom*, diferencia muito a mobilização dos armênios em uma guerra de reordenamento (Kurz, 2003) das relações de produção, envolvendo grandes mobilizações, migrações que redefiniram decisivamente o mapa da Europa na forma de territorialização do capital ultra violenta que foi a Primeira Guerra.

No entanto, a particularidade do momento histórico que faz dos armênios refugiados do genocídio não tira destes, diferente da interpretação de Sapsezian, sua qualidade de "emigrantes econômicos". A abordagem do conceito de mobilidade do trabalho (Gaudemar, 1977) permite extrapolar essa perspectiva

---

[2] Durante os anos 1894-96 ocorreram uma série de massacres da população armênia no interior do território do Império Otomano que ficaram conhecidos como "massacres hamidianos", já que foram cometidos durante o perído que o Sultão Abdul Hamid II comandou a Porta (1876-1908). Problematizaremos esses eventos de maneira mais detida no item 1.4.

[3] Vale ressaltar que Sapsezian inicia seu capítulo sobre a diáspora armênia fazendo um apanhado dos destinos de exílio ao longo de um tempo trans-histórico, períodos que abrangem do século X até a diáspora da história recente.

cultural e pensar nos armênios não só como aqueles que reproduzem a ideia de etnia, comunidade, e que de fato se organizam a partir de suas instituições; mas também, pensar a diáspora como fenômeno possível somente na sociedade moderna em que a forma mercadoria se generalizou como fundamento da sociabilidade.

A QUESTÃO E A CAUSA ARMÊNIA: ANTECEDENTES E HISTÓRICO DO GENOCÍDIO

Ao longo da pesquisa desenvolvida no Trabalho de Graduação Individual nos debruçamos também sobre situação dos armênios que viviam dentro do Império Otomano a partir do início do século XIX até o Genocídio Armênio, ocorrido durante a Primeira Guerra e para além desta[4]. A chamada Questão Armênia no último terço do século XIX tornou-se constitutiva da questão do Oriente. Para Bruneteau (2008), tratar como "questão" é uma maneira branda de designar uma situação de conflitos recorrentes entre o Estado Otomano e as minorias (assíria, macedônia, grega, sérvia, albanesa ou armênia). Em um primeiro momento esses conflitos não configuravam, pelo menos no caso dos armênios, lutas de liberação nacional, mas ao final do século XIX, sobretudo a partir da criação dos partidos armênios, a Questão Armênia passou a reivindicar a criação de um Estado armênio. O termo tornou-se bastante abrangente e hoje se confunde com a chamada Causa Armênia, que é relativa ao reconhecimento do genocídio de 1915.

A ideia desenvolvida por Porto (2011) acerca da identificação nacional armênia a partir da diferenciação que os armênios sofreram entra nesses termos. Pertencimento e identidade à coletividade armênia são colocados como reação frente "a atuação de um agente externo" (Porto, 2011), o Império Otomano. Partir desse conflito, talvez seja um caminho para se pensar o caráter histórico da invenção da identidade armênia enquanto um discurso nacional em um Império em ruínas. A organização territorial e política da Porta[5] através dos *millet* coloca também a questão dessa identificação pela diferença. O Império

[4] LOUREIRO (2010) aponta a política de negação do Genocídio Armênio por parte do governo turco até os dias presentes como forma de perpetuação dos massacres iniciados em 1914.

[5] O termo Porta, ou Sublime Porta é utilizado como um sinônimo do governo do Império Otomano e é oriundo de uma tradução das palavras "Bāb-i ʿālī", referentes à entrada do edifício imperial onde se situava o Sultão.

Otomano detinha um grande território que abrangia os Bálcãs, a parte leste do norte da África (Egito, Líbia), todo planalto da Anatólia até a região do Cáucaso e ao sul alcançava os desertos da Síria. Um Estado burocrático, ainda sem a propriedade privada da terra instituída[6] e que tinha na figura do Sultão o governador e o líder espiritual do Islã. Por se tratar de um Império multi-étnico, multi-religioso, a Porta reconhecia as minorias, ainda que sob o *status* de inferioridade em relação à população turca. A organização administrativa interna da Porta se dava pelos *millet*:

> As unidades administrativas eram formadas em função do pertencimento religioso, cabendo ao líder espiritual também a tarefa de coordenar politicamente a sua comunidade, uma organização conhecida como sistema de *millet* (ou nações). O *millet* armênio era controlado, portanto, pelo chefe máximo da Igreja Armênia, o Catholicós, que, sediado em Constantinopla (denominada a partir de 1453 "Istambul"), era encarregado de mediar as relações entre comunidade e governo imperial (PORTO, 2011: 20).

Ao final da guerra russo-turca, com o Tratado de Berlim de 1878, as potências européias demonstram preocupação em relação ao tratamento que a Sublime Porta dava aos armênios e empenham-se em efetuar reformas nas províncias ocupadas pelos armênios.

O Império Otomano através da gestão militar dos Jovens Turcos fez valer do monopólio da violência e mais do que expropriar, exterminou os armênios. Para Bruneteau "as deportações de 1915 também representam uma expropriação em escala enorme, resultando numa autêntica 'nacionalização da economia"' (2008: 80). A terra que era ocupada por armênios seria territorializada pelo capital turco nas suas pretensões de Estado nacional desde o início da guerra de 1914. Os vazios (desapropriações) foram "repovoados" por turcos étnicos e curdos de confissão muçulmana (Grün, 1992: 16).

Os armênios representavam e, materialmente muitas vezes eram, para além da figura do infiel ao Islã, os capitalistas que exploravam os muçulmanos sendo, portanto, a personificação do capital que se expandia em outras mãos que não às dos turcos. Nesse ponto há mais uma proximidade em relação ao Holocausto, uma

[6]Loureiro baseia-se no historiador Perry Anderson e faz uma leitura importante acerca da estrutura fundiária na Porta desde o século XIX ao seu término com a guerra de 1914; e nesse contexto visa compreender qual era o papel desempenhado pelos armênios na economia do Império. Destarte, Anderson coloca que na Porta não havia propriedade privada da terra e que os latifúndios estavam sob o comando do Sultão, o que difere da estrutura feudal européia onde a nobreza concentrava a terra. (LOUREIRO, 2013: 11)

vez que o antisemitismo[7] nazista sempre associou a ruína da Alemanha com a ascensão financeira dos judeus. Os armênios "assumem papel parecido com os judeus da Europa Cristã, transformando-se em banqueiros, artesãos hábeis, burocratas e homens de negócio, alguns mesmo chegando ao papel de conselheiros dos sultões" (Mirak apud Grün, 1992: 15). Sobre a situação dos armênios e sua posição econômica na Porta, Almeida afirma que mesmo historicamente colocados sob o jugo do Império como cidadãos de segunda classe, construiu-se entre os armênios grandes fortunas, destacando que "comerciantes importantes e mesmo banqueiros do império eram armênios, principalmente os que viviam nas maiores cidades[8] – Constantinopla (Istambul) e Esmirna (Izmir)". A questão financeira é mencionada em diversas fontes que relatam a situação do período, a exemplo do depoimento de Hampartsum Moumdjian[9], ao relembrar o massacre de Adana, ocorrido antes do Genocídio Armênio:

> *Propriedade... e é por isso que a Turquia não quer aceitar (reconhecer o genocídio) porque seria, hoje para eles, algo desastroso. Só para te dizer: 09 de junho de 1909 decidiram matar os armênios da cidade de Adana, trinta mil armênios. Tiraram quinhentos presos da penitenciária, entre turcos assassinos e curdos, e davam ordem: "você e você vai por essa rua mata os armênios, tira o documento e pede a conta bancária. Importante porque nós já limpamos a conta deles no banco e que amanhã não venham a reclamar de que 'o meu dinheiro que deixei no banco'. Então você tira o documento de identidade e conta bancária para limpar a história deles." Em trinta dias mataram trinta mil armênios na cidade de Adana.*

[7] Sobre a questão do antissemitismo ver entrevista de Moishe Postone entitulada "Sionismo, antisemitismo e a esquerda" disponível em: http://o-beco-pt.blogspot.com.br/2012/03/moishe-postone_2733.html

[8] Não apenas nas maiores cidades já que, conforme argumenta a autora, apesar de uma parcela significativa dessa população se constituir de "profissionais liberais, médicos, artesãos, intérpretes do governo", a maior parte "manteve-se como agricultor, vivendo em pequenas vilas, principalmente na Anatólia Oriental." A autora acrescenta ainda que os armênios nessa região "dividiam espaço com tribos curdas e circassianas, na maioria nômades, e a relação entre esses povos tinha um delicado equilíbrio que se manteve enquanto o Império era poderoso e bem administrado. Os armênios costumavam abrigar os curdos nômades durante o inverno e pagar a eles por proteção. Quando o Estado Otomano tornou-se decadente e a política corrupta, os impostos devidos ao governo se tornaram exagerados, o que impedia os armênios de pagar, além disso, a taxa de proteção aos curdos. (ALMEIDA, 2012: 4)

[9] Filho de armênios, Hamparstum Moumdjiam é nascido no Uruguai e nos concedeu entrevista no dia 13 de maio de 2013. Participou ativamente do primeiro reconhecimento do Genocídio Armênio em todo mundo, ocorrido no Uruguai no ano de 1964.

É importante observar como esse conflito repercute e está relacionado aos conflitos que passarão, a partir do início da Primeira Guerra, a se estabelecer em uma escala maior. Em meio aos conflitos e derrotas para Império Russo, os Jovens Turcos[10] deliberam um conjunto de medidas militares contra a população armênia sob o pretexto de "reestabelecer a ordem em zonas de guerra", alegando traição e conivência com o inimigo russo. Bruneteau alega, no entanto, que essas justificativas de repressão são frágeis e desmentidas por diversos testemunhos internacionais[11]. Esses testemunhos de diplomatas, jornalistas, religiosos são importantes na medida em que reportam a fatos semelhantes ocorridos em regiões distintas dentro do Império, o que comprova a intenção genocida do governo (Bruneteau, 2008: 68-69).

Um marco "preliminar" da execução do genocídio foi o fatídico dia 24 de Abril de 1915, quando, por ordem do Ministério do Interior, todos os notáveis, intelectuais e dirigentes comunitários armênios foram presos por conta de uma suposta hostilidade relativa ao Estado e propensão à traição em meio aos conflitos. Seguido a esse evento iniciam-se as deportações sistemáticas e o encarceramento em massa, em cotas que variavam de duzentas a mil pessoas. Estes presos, que em Istambul somavam ao menos 250 pessoas, tiveram como destino a deportação ao longo das estradas de ferro da Anatólia ou simplesmente a execução. Ainda que o dia 24 de Abril seja o marco daquilo que se reconhece como Genocídio Armênio, as práticas de extermínio se iniciaram já em 1914, quando "os armênios mobilizados no exército desde Novembro (...) eram desarmados, reagrupados e sumariamente massacrados em grupos enormes." Outra forma de extermínio perpetrada durante a guerra consistia em mobilizar os jovens entre 15 e 20 anos e homens mais velhos, de 45 a

[10]Vale destacar que o massacre de Adana, mencionado no depoimento de Hampartsum, ocorre um ano depois da derrubada do sultão Abdul Hamid II pelo Comitê União e Progresso (CUP), também conhecido como "Jovens Turcos". A ironia salta aos olhos quando levamos em consideração que o mesmo Comitê que encampou esse massacre, ao derrubar o sultão, acenava restituir o que previa o Tratado de Berlim (1876), gerando grandes expectativas entre armênios e turcos de que cessariam as tiranias propagadas pelo governo deposto.

[11] Estão entre estes testemunhos: o historiador Arnold Toynbee e o discurso de época de Lord Bryce, o pastor Johannes Lepsius, o embaixador americano na Turquia Henry Morgenthau, o jornalista alemão Harry Stuermer, o político britânico Willian Gladstone.

60 anos, para realizar trabalhos pesados e esgotantes bem como para serem usados na manutenção rodoviária, antes de serem exterminados em massa (Bruneteau, 2008: 69).

As deportações, ao contrário do que se costuma supor em relação ao "atraso" do "Oriente", eram organizadas e rápidas, uma vez que o governo utilizou-se do telégrafo e das estradas de ferro como forma de comunicação durante a operação. Entre os meses de maio a outubro de 1915 a deportação em massa atinge a Cilícia e treze províncias do Império onde havia grande concentração da população armênia.

O histórico discurso de Lord Bryce proferido na câmara de Londres em seis de outubro de 1915 contém elementos significativos para se pensar no massacre planificado, denunciando a mobilização geral (Gaudemar, 1981) nas deportações em massa.

Durante a guerra de 1914 alguns dispositivos de mobilização foram complexificados. A deportação em massa seguida de morte revolveu as areias de Del-El-Zor e tingiu de vermelho o rio Eufrates. Além disso, a mobilização de todos fez vítimas nos campos de batalha, alguns recrutados foram exterminados antes mesmo de ir para o front. Houve ainda os que foram executados trabalhando na manutenção das estradas que cruzavam a Anatólia, estradas que contavam com o investimento do capital alemão.

A mobilização geral moveu um processo de acumulação de capital pelo trabalho forçado, pelos bens espoliados e roubados, pela exploração da mão de obra dos sobreviventes "turquificados"[12] e de quebra pôde, ainda, gozar da violência sexual relativa às mulheres armênias que sobreviviam por serem *hurí* (belas donzelas).

A eliminação física dos armênios não bastou; o genocídio intentava acabar com a história, com a língua e normatizar tudo por um mediador nacional turco (moeda, cultura, religião, língua, símbolos, história oficial).

[12]Spinelli, 2011.

As descrições do horror da deportação são inúmeras, bastando dizer que enquanto estratégia de extermínio, as marchas da morte reduziram a população armênia praticamente aos ossos que ainda hoje se encontram nos desertos da Síria e Mesopotâmia[13], segundo Bruneteu (2008) houve casos em que morreram 96% dos armênios que iniciaram a marcha. Há ainda que se destacar que, dentre os sobreviventes, muitos acabaram forçosamente sendo assimilados entre a população turca quando foram islamizados, "turquificados".

1.5 Armênios em São Paulo: mobilidade calçadista na capital e mobilização *rural* em Presidente Altino

Ainda na pesquisa do TGI tratamos dos imigrantes armênios que chegaram a São Paulo como refugiados do genocídio e de suas estratégias de reprodução. Tendo como referência bibliográfica o texto "Negócios & Famílias: armênios em São Paulo" de Roberto Grün (1992), buscamos discutir as hipóteses desta referência, a partir de entrevistas e análises, com intuito de compreender de que modo se deu o processo de mobilização dos armênios para o trabalho na cidade de São Paulo. Nesse percurso traçamos de maneira breve o histórico da imigração armênia para o Brasil, dando conta da chamada "primeira leva" que chega ao país no final do século XIX. Segundo nossas referências, são nestes primeiros imigrantes que a "segunda leva"[14] ou refugiados vão se apoiar para conseguir se reproduzir materialmente. Como visto anteriormente, a influência das instituições da comunidade armênia, para a coesão e reprodução deste grupo aparece novamente como um elemento fundamental para a construção da assim chamada *armenidade* na diáspora armênia em São Paulo.

A partir desse estudo pudemos identificar que a imigração armênia no Brasil é marcada por dois momentos. O primeiro, que conta com poucos registros, data do fim do século XIX, quando os imigrantes

[13]O filme *Grandma's Tatto* de Suzanne Khardalian mostra - entre outras coisas, em especial a forma como as mulheres turquificadas eram violentadas sexualmente e tatuadas para marcar essa distinção - que ainda hoje existem ossos das vítimas do genocídio nos desertos da Síria.

[14]Vale ressaltar que a imigração armênia para São Paulo não cessou com a "segunda leva". Nosso informante James Onnig Tamdjian afirma que na década de 1950 chegaram armênios refugiados de conflitos no Oriente Médio e estes, ao que parece, não foram mobilizados pela indústria calçadista.

tinham como destino principal o trabalho nas obras dos portos do Rio de Janeiro e Santos. Entre estes recém-chegados, boa parte dedicou-se ao comércio ambulante, comprando e revendendo mercadorias. Roberto Grün (1992) cita o exemplo da família Gasparian[15] cuja trajetória pelo comércio ambulante permitiu, por caminhos que nos interessa investigar, a entrada no ramo da indústria têxtil. Diante da dificuldade de acesso a terra a atividade comercial se apresentava como possibilidade a esses imigrantes:

> A pouca necessidade de habilidades específicas para a realização da mascateação, inclusive o conhecimento básico do idioma, permitiu que esses imigrantes se aventurassem pelo interior até chegar às regiões que permitissem o desenvolvimento comercial. Assim, os primeiros armênios no Brasil chegaram a São Paulo nas décadas de 1900 e 1910, mas, sobretudo, na década de 1920, se estabelecendo no centro da cidade, juntamente com os sírios e libaneses, nas imediações das Ruas 25 de março, Pagé, Santo André etc. (LOUREIRO, 2012: 38-39).

No que se refere ao mascate nessa primeira fase da imigração armênia no Brasil, um de nossos entrevistados conta uma das muitas histórias que caracterizam a identidade e memória desse grupo de imigrantes, o mascate como possibilidade de reprodução ao imigrante recém-chegado:

> *Eles vieram, desceram em Montevidéu e a pé, fazendo mascate, comprando, vendendo mercadoria, compraram um cavalo, depois dois cavalos e depois seguiram a cavalo até chegar a Porto Alegre e depois a São Paulo. Os Keutenedjian, têm quatro, cinco famílias,* [que] *conseguiram no ano 1895 mandar os filhos. (Hampartsum Moumdjian, em entrevista concedida no dia 13/05/2013)*

A mobilização desses imigrantes através do mascate permitia uma inserção com pouco dinheiro e nenhuma especialização. A mascatagem aparece como forma de mobilização do imigrante e em alguns casos, como os Keutenedjian que vieram ainda na chamada "primeira leva" ao final do século XIX, como personificação de capital acumulado. A chegada dos armênios mobilizados pelo genocídio e a formação de uma identidade como estratégia de reprodução na sociedade brasileira foi e continua sendo tema de interesse da pesquisa. O idioma a essa altura era mais um entrave para a inserção do recém-chegado no país, mas ao mesmo tempo pode ser pensado como fator que fortalecia os vínculos entre a comunidade armênia que vinha se formando.

[15] Os Gasparian e os Keutenedjian que acumularam a partir da mascatagem, entram e se consolidam na indústria têxtil. Ambas as famílias "geraram" políticos de importância no Estado de São Paulo.

Já a segunda fase da imigração armênia tem marco bem definido da metade dos anos 1920 em diante. Os imigrantes, em sua maioria, chegavam pelo porto de Santos e eram, em grande parte, sobreviventes do Genocídio Armênio. Os antecessores da chamada "primeira leva" formaram organizações de ajuda para estes recém-chegados, fundamentalmente em torno da Igreja Apostólica. Entre essas organizações destaca-se o Conselho dos Quarenta, espécie de conselho de armênios já estabelecidos em São Paulo que organizava a destinação dos recém-chegados.

Através da indicação deste Conselho os recém-chegados eram divididos entre aqueles que tinham *vocação*[16] *urbana* e *vocação rural*. Como os critérios dessa divisão estabelecida pelo Conselho não são explicitados por Grün (1992), entendemos que, com base na apresentação desse mesmo autor e em outras fontes de nossa pesquisa, essa divisão suscita questões pertinentes para a nossa investigação. Entre os imigrantes, que no caso brasileiro eram oriundos principalmente da região da Cilícia, parte considerável possuía o conhecimento de algum ofício, sobretudo aqueles que ficaram anteriormente à imigração nos orfanatos[17] onde eram oferecidos cursos profissionalizantes. Nesse caso podemos indagar de que maneira o conhecimento desses ofícios contava para a classificação e destinação feita pelo Conselho.

Os que eram identificados como sendo de vocação urbana eram encaminhados pelo Conselho para as proximidades do Mercado Central – Ruas Pajé (atualmente Rua Comendador Afonso Kherlakian) e Santo André – e para a Zona Norte da cidade de São Paulo – bairros de Santana e Imirim, ocupando-se com a fabricação artesanal e o comércio de calçados.

[16] O uso do termo "vocação" neste contexto faz referência ao discurso do referido Conselho em sua prática de encaminhamento dos imigrantes recém-chegados, no entanto, é preciso deixar claro que da perspectiva desta pesquisa a própria vocação é um desdobramento do processo de mobilização do trabalho.

[17] No decorrer da guerra e nos anos subsequentes foram organizados, por franceses e americanos, orfanatos que recebiam crianças sobreviventes das marchas de deportação ao longo do deserto Del-El-Zor. Segundo Hampartsum Moumdjian (em entrevista concedida no dia 13/05/2013, arquivo pessoal do pesquisador) esses orfanatos localizavam na Líbano e no Egito.

A um número menor de recém-chegados foi atribuída a chamada vocação rural, esses eram encaminhados ao bairro de Presidente Altino, que futuramente passaria a integrar a cidade de Osasco. De acordo com Grün (1992), estes se dedicavam primeiro à criação de gado leiteiro e depois à produção de iogurtes e coalhadas. De acordo com site da Comunidade Armênia de Osasco, entretanto, outras atividades teriam motivado o estabelecimento: "Uma parte dos armênios recém chegados a São Paulo decidiu se dirigir a Osasco e Presidente Altino, que na época eram bairros da Capital, pois lá encontravam trabalho na Cerâmica Hervy e no Frigorífico Wilson, além de terrenos a preço baixo.[18]

Riskallah Jorge, libanês casado com armênia e neto de armênios, proprietário da Casa Bóia, empresa relevante no ramo de insumos fabris já nos anos 1920, aparece como um importante benemérito na medida em que transformou o andar superior de sua loja na Rua Florêncio de Abreu em uma "mini-hospedaria". Foi neste endereço que aconteceram as primeiras reuniões religiosas entre os recém-chegados (Grün, 1992).

As instituições da comunidade organizavam a socialização dos armênios em São Paulo sob a perspectiva da inserção econômica, por meio de casamentos entre membros da comunidade, através de auxílio por meio de empréstimos em matérias primas na confecção de calçados ou até em maquinário de tecnologia ultrapassada. Para Grün, o modo como as instituições da comunidade armênia exerciam influência sobre os recém-chegados representa uma tentativa de adiar a unificação dos mercados de trabalho, financeiro e comercial da comunidade armênia com a sociedade paulistana (Grün, 1992).

Nessa rede firmada entre os armênios recém-chegados pós-genocídio e os já estabelecidos se coloca a mediação da comunidade que aparentemente se define como cultural. Essa relação engendra uma

---

18 Ainda de acordo com o site "(...) em 1928, os armênios de Presidente Altino decidiram congregar-se com a finalidade de auxiliarem uns aos outros nos planos material e afetivo. Realizaram uma reunião no dia 1º de maio, na qual foram eleitos Keghan Karaghanian (presidente), Dikran Echrefian (vice-presidente), Hagop Guzelian (secretário), Sanazar Mardiros Lopoian (tesoureiro), Zefri Magdesian (bibliotecário), Tomas Kechichian e Arsen Bulbulian (conselheiros). Era constituída a "União Salmo Tzor de Presidente Altino". Disponível em: http://www.cao.org.br/origem.aspx, acesso em 04/07/2013.

dependência, sendo uma forma bastante vantajosa de mobilizar trabalho, uma vez que muitas das relações de trabalho estabelecidas através da rede sequer tinham o assalariamento consolidado (Grün, 1992).

Embora nossa proposta de aprofundamento das investigações em campo esteja focada no estudo da mobilização do trabalho de armênios e descendentes na comunidade de Presidente Altino, pretendemos investigar também a relação entre essa comunidade com a comunidade armênia paulistana, bem como o papel do Conselho dos Quarenta na mobilização dos recém-chegados da década de 1920.

As condições materiais dos recém-chegados na maioria dos casos eram típicas de trabalhadores livres que por serem desprovidos de qualquer meio de produção têm na venda de sua força de trabalho a única maneira de se reproduzir. Em relação a reprodução dos armênios nesse contexto, tendo em vista em quais condições eles exercem a sua dupla liberdade (Gaudemar, 1977), é necessário indagar em que medida a possibilidade de escolha se coloca para os recém-chegados, buscando em nossa análise enfatizar aspectos que em uma abordagem culturalista aparecem apagados.

Vale ressaltar que, ao considerar a presença armênia no distrito de Presidente Altino, nos interessamos tanto pelas transformações nas relações sociais de produção que conduziram a uma profunda modificação desse Distrito ao longo de sua história, quanto pelas transformações decorrentes do contexto em que se mobilizaram os imigrantes armênios. Nesse sentido, entendemos que o estudo das condições particulares em que essas relações de produção se constituíram não pode estar desvinculado da investigação desse processo em um contexto mais amplo. Faz-se necessário, por isso, articular uma reflexão sobre o movimento mais geral desse processo com as trajetórias particulares que nos oferecem elementos qualitativos para abordar a particularidade dessa mobilização do trabalho, bem como sua relação com os imigrantes que têm São Paulo como destino.

BIBLIOGRAFIA

ALFREDO, Anselmo. **Formação econômico-social brasileira. Mobilização do trabalho e configurações territoriais.** Mimeo, edição do autor, 2005.

ALMEIDA, Ligia Sanchez de. **Genocídio Armênio: a história e a "verdade" oficial**. Revista Vértice – Dep. Letras Orientais – USP, Nº 12, 2012

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ARLEM, Michael J. **A passagem para Ararat**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**: escritos escolhidos / seleção e apresentação Willi Bolle. São Paulo: Cultrix : Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

BOECHAT, Cássio Arruda, HEIDEMANN, Heinz Dieter, TOLEDO, Carlos de Almeida. **O trabalho no Brasil:** traçado interpretativo de sua história de formação e de sua crítica. In. Revista de Estudos Avançados, vol.28, n. 81 maio/agosto 2014. São Paulo, IEA, 2014.

BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios: Violências, massacres e processos genocidários da Arménia ao Ruanda**. Lisboa: Instituto Piaget. 2008

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia.** São Paulo: Contexto, 1992.

FREITAS, Sônia Maria de. **Falam os imigrantes: memória e diversidade cultural em São Paulo**. São Paulo: Tese de Doutorado em História Social, FFLCH – USP, 2000.

GAUDEMAR, Jean Paul de. **La movilizacion general**. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1981

_____. **Mobilidade do trabalho e acumulação de capital**. Lisboa: Estampa, 1977

GRÜN, Roberto. **Negócios & famílias: armênios em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Impérios**: 1875-1914. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1988.

_____. **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1780.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KECHICHIAN, Hagop. **Os sobreviventes do genocídio**: imigração e integração armênia no Brasil – um estudo introdutório – (das origens à 1950). São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, dezembro de 2000.

KERIMIAN, Nubar. **Massacres de Armênios: acompanha Memórias de Naim Bey para Aram Andonian.** São Paulo: Comunidade da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, 1998.

KNOWLTON, Clark. **Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo: Anhambi, 1960.

LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da grande São Paulo**. Estudo de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: IBGE, 1971.

LÊNIN, Vladimir Ilich. O **Imperialismo**: **Fase Superior do Capitalismo**. São Paulo: Global Editora, 1985.

HEIDEMANN, Dieter. **Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: Humilhação secundária, resistência e emancipação**. In: Migrações: Discriminação e Alternativas. Ed. Paulinas, São Paulo, 2004.

KURZ, Robert. **A guerra de ordenamento mundial:** O fim da soberania e as metamorfoses do imperialismo na era da globalização. Versão portuguesa: http://obeco.planetaclix.pt/rkurz133.htm , http://obeco.no.sapo.pt/rkurz166.htm , http://obeco.no.sapo.pt/rkurz175.htm e http://obeco.no.sapo.pt/rkurz179.htm, 2003.

_____. **Barbárie, Migração e guerras de ordenamento mundial**. Texto revisto de uma conferência proferida pelo autor em 23.01.2005 no *Forum Social Mundial* em Porto Alegre. Publicado In: Serviço Pastoral dos Migrantes. (Org.) *Travessias na desordem global — Fórum Social das Migrações*. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **O colapso da modernização. Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise do Capitalismo Mundial**. Hucitec, São Paulo, 1993.

LOUREIRO, Heitor de Andrade Carvalho. **Comunismo, Nacionalismo e Política na Diáspora: os armênios em São Paulo (1930-1964)**. Texto integrante dos Anais do XX Encontro regional de História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Cd-Rom

_____. **Genocídio Armênio (1915-1923): massacre, deportações, expropriação**. In: ZAGNI, Rodrigo Medina & BORELLI, Andrea (org.). *Conflitos Armados, Massacres e Genocídios*: constituição e violações do direito à existência na era contemporânea. São Paulo: Fino Traço, 2013 (no prelo) _____. **O comunismo dos armênios de São Paulo (1935-1969)**. São Paulo: Pontífica Universidade Católica, Dissertação de Mestrado, 2012.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**: vida cotidiana e história do subúrbio da cidade de São Paulo – São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo, São Caetano do Sul: Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

_____. **O cativeiro da terra**. São Paulo, Hucitec, 1998.

MARX, Karl. **O Capital** – crítica da economia política. Livro I e Livro III. São Paulo, Nova Cultural, 1985 (Série "Os economistas").

OLIVEIRA, Francisco de. "A emergência do modo de produção de mercadorias: uma interpretação teórica da economia da República Velha no Brasil (1889-1930)". In: OLIVEIRA, Francisco de. **A Economia da dependência imperfeita.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

_____. **Elegia para uma re(li)gião**: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

PETRONE, Pasquale. **Aldeamentos paulistas e sua função na valorização da região paulistana**: estudo de geografia histórica. São Paulo: Fflc/USP, 1964.

PÓVOA NETO, Helion. **Migrações internas e mobilidade do trabalho do Brasil atual**. Novos desafios para a análise. In: *Experimental – Revista do Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental, Nº. 2,* Humanitas, São Paulo, 1997.

PRADO Jr., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo, Brasiliense, 2000.

PORTO, Pedro Bogossian. **Construções e reconstruções da identidade armênia no Brasil (R.J. e S.P.).** Niterói: Universidade Federal Fluminense, Dissertação de Mestrado, 2011.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993

SAPSEZIAN. Aharon. **História da Armênia: drama e esperança de uma nação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SEABRA. Odette Carvalho de Lima. "**São Paulo, os bairros e a periferia".** In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (orgs.). **Geografias de São Paulo 1**: representação e crise da metrópole. São Paulo: Contexto, 2004.

SPINELLI, Daniela. **Reflexões sobre memória, esquecimento e recalque do Genocídio Armênio.** Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 13, p. 7-21, 2011

TOYNBEE, Arnold J. **Atrocidades turcas na armênia em 1915: denúncias de grandes personalidades** / com um discurso proferido por Lorde Bryce na Câmara de Londres. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

TRUZZI, Oswaldo. **Sírios e libaneses**: narrativas de história e cultura. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

VAINER, Carlos B. **Estado e Migrações no Brasil: anotações para uma história das políticas migratórias**. In: Travessia, São Paulo: CEM, n 36, 2000.

WERFEL, Franz. **Os quarenta dias de Musa Dagh**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.